

Religião e Plausibilidade: uma reflexão sobre as experiências de guerra de um soldado da FEB

Religion and plausibility: a reflection about the war experiences of one
BEF soldier

Anysio Henriques Neto¹
anysiohistoria@bol.com.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a relação entre a religião e o cotidiano dos soldados da FEB, durante a Segunda Guerra Mundial, através de sua capacidade de criação de plausibilidade na vida desses indivíduos. Tomamos como referência para esse estudo, entrevistas com veteranos da FEB, objetos pessoais de um soldado e suas correspondências trocadas durante a guerra. Desta forma, foi possível estabelecer uma comparação entre a teoria do sociólogo Peter Berger e o cotidiano caótico vivenciado pelos brasileiros que lutaram na Itália durante os anos de 1944 e 1945. Assim, a pesquisa demonstrou que em vários momentos do conflito a religiosidade dos soldados serviu para significar as experiências vividas no *front*, devido a sua capacidade de criar plausibilidade, isto é, organizar simbolicamente as experiências caóticas vividas pelos soldados.

Palavras-chave: Religião; Plausibilidade; Força Expedicionária Brasileira.

Abstract

This article proposes an analysis of the relation between religion and the routine of BEF soldiers during the Second World War considering its capacity for creation of plausibility in these individuals' lives. We took interviews with BEF veteran soldiers, as well as a soldier's personal belongings and the letters he sent during the war as reference for this study. Thus, it was possible to establish a comparison between the sociologist Peter Berger's theory and the chaotic everyday life of Brazilian soldiers who fought in Italy between 1944 and 1945. So, the research showed that, in some moments of the battle, the religiosity of the soldiers gave meaning to their experiences at the *front* because of its capacity of plausibility creation, in other words, to organize symbolically the chaotic experiences of the soldiers.

Keywords: Religion; Plausibility; Brazilian Expeditionary Force.

Este artigo tem por objetivo a análise das experiências de guerra de um dos soldados da FEB, a partir de relatos pessoais, cartas trocadas com familiares e amigos, além de diários e biografias que compõem o montante bibliográfico escrito pelos próprios veteranos.

¹ Mestre em Ciência da Religião pela UFJF. O presente texto faz parte da dissertação de mestrado, intitulada: "A religião no exército brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra".

Essas experiências foram significativas tanto para os soldados quanto para seus familiares, sobretudo para aqueles que embarcaram definitivamente para a Itália. A convocação, o treinamento, o embarque e o período de combate na Itália proporcionaram momentos de reflexão, experiências religiosas e a reafirmação de sua fé, em alguns casos. Em suma, essas experiências individuais ou coletivas relacionadas ao medo da morte ou em relação aos familiares são significadas pelos soldados por meio da religião.

Para entender como a religião tornou-se um importante recurso para significar as experiências vividas no contexto da guerra, retomamos as discussões feitas pelo sociólogo Peter Berger, em sua obra *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. A perspectiva desse autor auxilia na compreensão do elemento religioso como uma forma de ordenar as experiências vividas no *front*.

Peter Berger afirma que a sociedade é construída pelo próprio homem num processo dialético composto por três fases: exteriorização, objetivação e interiorização. Resumidamente “é através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade” (Berger, 2004, p. 16), isto é, o próprio homem constrói a sociedade.

Dentre as fases, merece destaque nessa dialética a interiorização, pois é por meio desse processo que o homem consegue transformar as estruturas objetivas do mundo em estruturas da consciência humana. Então, para Berger, o mundo socialmente construído resulta da ordenação da experiência dos indivíduos, isto é, corresponde a uma atividade ordenadora.

Diferentemente dos outros animais, cabe ao homem criar mecanismos para garantir ordem às suas experiências, no processo de construção da sociedade, isto é, a exteriorização é considerada como uma necessidade antropológica. Nas palavras de Peter Berger, “é, pois, a sociedade um produto do homem, radicado no fenômeno da exteriorização, que por sua vez se baseia na própria constituição biológica do homem” (Berger, 2004, p. 19). O homem não dispõe de dispositivos naturais capazes de ordenar sua experiência como os demais animais, daí sua necessidade de criar um mundo significado.

A objetividade coercitiva da sociedade garante o controle do social, mas sua importância encontra-se na sua capacidade de se construir e impor-se como realidade. Essa realidade objetiva permite a construção de um mundo no qual o indivíduo pode

habitar, isto é, cria-se um mundo ordenado, significado. A objetividade da sociedade é exterior e coercitiva aos indivíduos o que impõe a eles os padrões pré-definidos pelas instituições, identidades e papéis sociais, apreendidos enquanto fenômenos objetivamente pertencentes ao mundo social (Berger, 2004, p. 26-27).

O mundo das objetivações sociais, construído pela exteriorização da consciência, enfrenta a consciência como uma facticidade externa. Mas esse processo não caracteriza a interiorização. “A interiorização é antes a reabsorção na consciência do mundo objetivado de tal maneira que as estruturas deste mundo vêm a determinar as estruturas subjetivas da própria consciência. Ou seja, a sociedade funciona agora como ação formativa da consciência individual” (Berger, 2004, p. 28). Assim, o indivíduo apreende elementos do mundo objetivado como fenômenos internos de sua consciência e também como fenômenos da realidade exterior.

A interiorização merece destaque nessa dialética, pois é responsável pela socialização do indivíduo, um processo sempre inacabado. A socialização leva o indivíduo a interiorizar os sentidos relevantes de determinada sociedade. A socialização dos indivíduos permite a criação de uma tradição constantemente alterada ao longo do tempo. Esse processo de socialização nunca está completo, é contínuo na vida do indivíduo, além disso, há a dificuldade em manter esse mundo subjetivamente plausível. Desta forma a interiorização implica num equilíbrio entre a facticidade objetiva do mundo social e a facticidade subjetiva do indivíduo, criando um mundo ordenado.

O mundo socialmente construído pelo homem resulta então na ordenação das experiências humanas, ou seja, a construção da sociedade é uma atividade ordenadora ou nomizante. Segundo o sociólogo, “(...) viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. A sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação da consciência individual” (Berger, 2004, p. 34). Assim, a função mais importante da sociedade é a de nomização, ou seja, de servir como escudo à anomia.

A dificuldade em manter o equilíbrio nesse processo decorre da existência de fatores anômicos, que podem ser coletivos ou individuais. Nesses casos, o indivíduo perde a capacidade de dar sentido à vida e até mesmo de reconhecer sua identidade. Assim, o nomos instituído atua de forma a equilibrar os fatores anômicos vividos individual ou coletivamente. A necessidade de constituir um nomos comum leva as sociedades a criarem mecanismos que auxiliem seus membros na orientação para a realidade ou para voltar à realidade.

A religião, considerada pelo autor como um empreendimento humano, estabelece um cosmo sagrado transcendente que inclui o homem de maneira ordenada nesse projeto. Pois “o homem enfrenta o Sagrado como uma realidade imensamente poderosa distinta dele. Essa realidade a ele se dirige, no entanto, e coloca a sua vida numa ordem, dotada de significado” (Berger, 2004, p. 39). E é através da dialética entre o cosmo sagrado e o caos que o homem estabelece a plausibilidade desse mundo construído socialmente. Peter Berger destaca ainda que a cosmificação pode ocorrer sem a presença da religião, entretanto, a cosmificação originalmente conserva um caráter sagrado.

A ruptura deste nomos totalizante, que ordena e significa as experiências do indivíduo, torna-se uma ameaça ao próprio indivíduo e a sociedade, construída a partir da organização dessas experiências. Com isso, na tentativa de conferir significado à realidade “a religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo” (Berger, 2004, p. 41). Daí sua capacidade em significar as experiências vividas e garantir uma ordem nomizante no cotidiano da guerra.

A proposta do sociólogo permite relacionar a capacidade da religião em organizar a experiência devido a sua atividade nomizante, com as experiências limite vividas durante o período de guerra. O termo experiência limite caracteriza aquelas experiências, individuais ou coletivas, que atuam em caráter anomizante, por exemplo: o medo da morte em situações de combate.

A participação brasileira na guerra, desde a criação da FEB até o fim do conflito em 1945, foi profundamente marcada por seu caráter anômico. Nos sete meses de combate no *front* italiano, os soldados viveram experiências significadas religiosamente, dado ao nível de anomia e também em decorrência do contexto dessas experiências.

Desta forma temos experiências coletivas e individuais, nas quais a religiosidade atua de maneira a ordenar ou nomizar essas experiências limite relacionadas à morte e à família, reforçando simbolicamente sua estrutura de plausibilidade. A tensão presente na guerra levou alguns veteranos a reforçarem sua crença religiosa em função da necessidade de organizarem as experiências vividas no *front*. E, por isso, muitas dessas experiências foram relatadas pelos próprios veteranos, em forma de cartas, diários,

crônicas, biografias e livros considerados fontes para a investigação dessas experiências vividas entre os anos de 1943 e 1945.

1. 1- Da convocação ao fim da guerra: a trajetória do veterano Dorvilho Testa na campanha da Itália

A neutralidade do Brasil em relação ao conflito foi sustentada pelo jogo político de Vargas até o rompimento de relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, em 1942. Em represália ao alinhamento com a política norte-americana, seguiram-se os torpedeamentos de navios mercantes na costa brasileira. A agressão por parte do governo alemão causou o afundamento de 35 navios e a morte de 972 pessoas, dentre civis e militares da marinha e, além disso, a perda de estimado valor em cargas, contidas nas embarcações.

A declaração de guerra do Brasil às forças do eixo em 1942 cria um ambiente favorável à resignificação do patriotismo e da própria religiosidade através de manifestações populares. Nas palavras do veterano Ruy Fonseca de Oliveira, “o povo reagiu violentamente e principalmente influenciado pelos estudantes da época, inclusive eu era estudante na época também. Promovíamos comícios, passeatas de apoio ao Brasil, que tomasse uma medida de represália contra esses afundamentos que finalmente estavam matando os brasileiros” (Fonseca, 2007, s/p). O apego ao sentimento patriótico foi fundamental na formação dos efetivos da FEB, sobretudo nos casos de veteranos que se tornaram voluntários. Assim, a defesa da soberania nacional, tornou-se uma forma de legitimação no discurso dos que participaram do conflito.

Apesar da comoção popular, muitos jovens brasileiros foram incorporados à FEB devido à necessidade de obterem o certificado de reservista. O documento que comprovava o tempo de serviço militar, segundo os entrevistados, era fundamental para conseguir um emprego formalizado. Em função da necessidade de ingressar no mercado de trabalho, muitos desses jovens brasileiros encontravam-se alistados nos quartéis com o objetivo de adquirir o registro necessário e também para cumprir suas obrigações cívicas com o país. Assim, podemos dizer que a FEB foi constituída por militares, da ativa e de carreira, e também por cidadãos comuns, que, em parte, foram representados por voluntários e também por convocados.

Assim como o patriotismo, a religiosidade também se tornou uma forma de legitimação para os soldados e para suas famílias, expressa na forma de promessas, devoção a santos, orações coletivas e individuais. Essa expressão da religiosidade dos

soldados serviu individual e coletivamente para ordenar o universo de possibilidades caóticas presentes na guerra, como o medo da morte, por exemplo.

Da mesma forma, aqui no Brasil, muitas famílias recorreram a promessas, a reza de terços e missas em intenção dos maridos, filhos, noivos, etc., como forma de criar uma ordem simbólica, significada religiosamente.

Essa legitimação religiosa permite um equilíbrio na ação anomizante produzida pelo conflito, uma vez que reforça a estrutura de plausibilidade, criando subjetivamente um vínculo com o passado ordenado, daí as lembranças da família e de momentos da vida pessoal vividos anteriormente à guerra. Visto que a convocação gera uma ruptura nessa estrutura de plausibilidade, ocorre que alguns soldados recorrem à sua religiosidade para organizar o caos dessa experiência, subjetiva e objetivamente, transformando-a numa experiência ordenada.

Essa função de legitimação que, segundo Peter Berger age como um escudo à anomia, funciona durante a guerra num binômio dialético que se alterna entre: a ação anômica e seu oposto, a ação nomizadora. Nesse sentido, destacamos a seguir alguns episódios narrados pelos veteranos em que o sentimento religioso atua como ação nomizadora, constituídos em correspondência com diversas ações anômicas.

Para compreender e observar mais de perto a trajetória dos expedicionários da FEB tomamos como referência a história de vida do veterano Dorvilho Testa, a partir de uma entrevista com sua filha, Rita de Cássia Testa Siqueira, e uma série de correspondências trocadas entre ele e sua futura esposa. As cartas e os pertences pessoais deixados por Dorvilho Testa revelam a importância de sua religiosidade e também sua devoção a Nossa Senhora Aparecida. Cabe ressaltar que a presença marcante do catolicismo no país contribui para que essa característica também se manifeste nos efetivos da Força Expedicionária Brasileira.

Segundo Rita de Cássia Testa Siqueira, o pai sempre foi um homem religioso, praticante do catolicismo e, a seu ver, isso se deve à descendência italiana. Em função disso, durante o processo de convocação até o regresso ao Brasil, muitos momentos foram significados religiosamente pelo veterano e por sua família.

A convocação para a guerra cria uma situação de tensão vivida pelos familiares e pelo namoro recentemente iniciado com Glória Nocelli. Após a chegada na Itália, Dorvilho Testa sente-se constantemente afetado pela distância e pela incerteza do desfecho da guerra. A correspondência trocada entre o casal teve início a partir da transferência do soldado de Juiz de Fora para o treinamento em São João del-Rei.

O treinamento no 11º Regimento de Infantaria, no jargão militar 11 RI, limita a possibilidade de comunicação e causa um estranhamento em ambos. Segundo declarações do casal, as cartas amenizavam a tensão dos momentos difíceis e quando sentiam saudades. Na sua primeira carta escrita na caserna Dorvilho Testa confirma sua chegada.

Levo a mão a pena unicamente afim de fazer-te ciente que aqui cheguei sem a menor novidade estou gozando perfeita saúde só o que sinto e estar sozinho aliás sozinho não estou porque me acho no meio de bons colegas porém não é como ai sinto enorme saudade do povo amigo porém seja feita a vontade de Deus. Espero que ele se compadeça de mim fazendo com que em breve eu volte para ai porque só assim estariam completos os meus maiores desejos embora esteja aqui de [sic] mas acho que não me conformo com isto digo não me acostumo aqui (Testa, 1944, s/p.).

Dorvilho Testa é filho de italianos, natural de Piraúba, Minas Gerais, nascido em 25 de setembro de 1914. Mudou-se para Juiz de Fora aos 15 anos de idade e trabalhou como aprendiz de sapateiro até entrar para a indústria têxtil. Era o segundo filho de cinco irmãos e foi o único convocado para a guerra. Sobre o período de convocação Rita de Cássia Testa conta que

ele foi convocado para a guerra (...) e a partir daquele momento ele ficou naquela expectativa se ia para a guerra ou não. Porque demorou, até a chamada, até apresentar e partir para a Itália. Foi um período bem longo. Foi uma coisa bem cansativa; até psicologicamente. Porque primeiro eles foram para São João del Rei e ficaram lá um tempo fazendo treinamento. Aí eles vinham aqui em Juiz de Fora, nas folgas, e às vezes eles fugiam. Arrumava um jeito de fugir. Se fossem pegos eles eram, até presos, por deserção. Mas tudo isso era para ver os pais” (Siqueira, 2010, s/p.).

Em alguns casos, os soldados desertavam e por isso havia uma apreensão grande em relação às fugas, em geral para visitar seus familiares. A filha confirma que, durante o período de treinamento no 11º RI, Dorvilho Testa também manteve contato com seus familiares, por meio dessas fugas do quartel, correndo riscos de punição. Nas palavras dela, “ele ficou escondido ali no Mariano Procópio. Aí mandou um recado para a mãe e para o pai, que moravam lá em Santa Terezinha. (...) Com isso ele dava umas escapadas e vinha aqui” (Siqueira, 2010, s/p.).

O estado de guerra fez com que o Exército criasse um sigilo sobre o embarque das tropas, assim como a mobilização de efetivos durante períodos noturnos, treinamentos que ocasionaram mortes. Com isso, tanto as famílias dos convocados

como os próprios expedicionários nada sabiam, oficialmente, sobre o desfecho dos treinamentos.

Limitados pelas possibilidades de comunicação, o casal em questão sofreu com as dúvidas sobre o embarque, já que o governo mantinha essas informações em sigilo. Em resposta à carta do trecho citado, Glória Nocelli destaca a questão da saudade e sobre a insegurança presente no relacionamento iniciado em meio à guerra. Preocupada com a impossibilidade de se comprometer com Dorvilho em função da guerra, Glória Nocelli envia uma carta cobrando uma resposta sobre o relacionamento, dirigindo-se ao rapaz nos seguintes termos: “Dorvilho você tem esperança de vir aqui, e se não tiver você escreve ao menos eu vou aplicando outros meios não é? mas eu tenho esperanças de você ainda sim? vir aqui. Dorvilho espero eu você venha aqui mais depressa possível que eu então falarei melhor” (Nocelli, 1944, s/p.). Nesta carta, ela afirma que não quer se casar no momento, mas que, se o pretendente quisesse esperar, poderiam dar início ao namoro.

Durante o treinamento em São João del-Rei, o casal ainda cogita a possibilidade de Dorvilho Testa ganhar baixa do Exército, o que não acontece. Pelo contrário, em fevereiro de 1944, o embarque para o Rio de Janeiro confirma o seu destino, ir para a guerra. A dúvida em relação ao destino dos pracinhas leva Glória a escrever uma carta na qual demonstra sua preocupação com o desfecho dos acontecimentos. “Dorvilho tudo para mim agora é tristeza. Não tenho prazer nenhum cada dia que passa mais os aborrecimentos vão aumentando mais tenho fé em Deus que breve estaremos felizes não é? Dorvilho vocês vão seguir de verdade mesmo? mais vocês vão para a Europa mesmo ou vai para as fronteiras? você me escreve para onde fôres sim?” (Nocelli, 1944, s/p.).

Em resposta à preocupação de seus familiares, o soldado confirma as suspeitas sobre o embarque para a guerra.

Glória agora sei que vou mesmo partir para a guerra não sei como é que vou fazer não posso mais agüentar este sofrimento é triste ver-me longe de que a gente ama sem saber quando irei encontrar-nos novamente isso a de ser muito breve se Deus quizer. (...) Mais creia em Deus que ei de enfrentar o inimigo nos campos de batalha para o Brasil. Querida o teu retrato vai dentro da minha muchila porque nunca posso separar-me dele quando os nossos soldados Expedicionário que também sou estiver enfrentando o inimigo deitado dentro de uma trincheira e as balas dos canhoes inimigos as bombas esmagadoras que os carros de combate atiram sobre nós eu olho para o teu retrato e não perco a esperança de nosso futuro sim? (Testa, 1944, s/p.).

Ainda antes do embarque para a Itália, Dorvilho recebe de Glória uma carta na qual já existe a certeza da partida para o combate e por isso a motivação dedicada ao militar.

Dorvilho você me escreveu que anda aborrecido de ir embora de deixar a sua Pátria e sua família. Mas o que havemos de fazer conformar com a sorte não é? (...) Dorvilho você disse que é capaz de embarcar breve mas não devemos desisparar tudo que Deus faz é bom não é? (...) Dorvilho você não deve se aborrecer com tua cina, tudo que Deus faz é bom. Se você arreclama e eu então que eu posso dizer: Tem 6 meses que eu perdi o papae e agora voce e o primo vae imbora isto para mim é um grande aborrecimento. Dorvilho você não deve disisparar tudo que Deus faz é bom breve se Deus quiser nós seremos feliz não é? (Nocelli, 1944, s/p.).

Dentre as cartas trocadas, destacam-se dois aspectos presentes nessa correspondência, a saber, a religiosidade presente no discurso do casal e a projeção de um futuro construído após a guerra. Cabe ressaltar que Dorvilho Testa foi convocado a integrar a FEB, coincidentemente pouco antes de conhecer Glória Nocelli, ao contrário de outros veteranos que foram voluntários.

Próximo à data de seu embarque para a guerra, um mês antes aproximadamente, o casal realizou um noivado simbólico, já que a guerra não havia terminado ainda e visto que não havia indícios de sua dispensa da tropa. Por isso, Dorvilho Testa escreve uma carta endereçada à mãe de Glória Nocelli na qual diz.

Dona Virginia escrevo-lhe esta espero que vais encontrar gosando saude junto com todos da família. Quanto eu vou bem de saúde graças ao nosso Creador. Dona Virgínia é com grande respeito que levo a mão a pena unicamente afim de traçar-lhe estas poucas linhas para fazer-lhe sciente que achando na pessoa de vossa digna filha uma jovem capaz de assegurar a minha felicidade, a vista de eu não poder ir ai agora venho pedir a senhora se consçente que minha mãe ou minhas manas entregue a, liança a Glória, e acaso acham a minha pessoa digna de entrar para o seio de vossa familia (Testa, 1944, s/p.).

Dorvilho Testa envia o pedido de noivado para Virgínia Nocelli, pois seu marido havia falecido há cerca de seis meses. Impossibilitado de voltar a Juiz de Fora antes do embarque, para oficializar o compromisso pessoalmente, o casal decide noivar à distância e aguardar o fim da guerra para que em fim pudessem se casar. Segundo a filha do expedicionário, “ele já estava na Itália quando ele mandou o irmão dele, mais velho, comprar uma aliança; para ele e para ela. Fizeram um noivado simbólico, à

distância. Mandaram a aliança para ele, lá na Itália. Ele recebeu a aliança lá. E a partir desse momento nas cartas ele já a tratava de “minha noiva”. E prometia que quando ele voltasse, eles logo se casariam. E realmente eles se casaram no dia 11 de maio de 1946” (Siqueira, 2010, s/p.). De volta ao Brasil, Dorvilho e Glória casaram-se e tiveram seis filhos. Dorvilho Testa faleceu em 4 de fevereiro de 1984 e Glória Nocelli Testa no dia 28 de fevereiro de 1995.

A convocação de Dorvilho Testa para a guerra motiva em seus familiares a realização de atividades religiosas, inclusive por parte de Glória Nocelli. Segundo a filha do casal, “a minha mãe, a minha avó materna (mãe dele), faziam novenas para ele não ir. Fazia de tudo, rezando, pedindo a Deus, para que ele não fosse. Isso foi durante meses” (Siqueira, 2010, s/p.). As cerimônias eram realizadas nas casas dos expedicionários, agregando parentes, familiares, amigos e vizinhos próximos. Desta forma, as redes de orações criam laços de solidariedade entre os familiares daqueles envolvidos diretamente no conflito, esses grupos de orações, procissões, missas e promessas podem ser considerados como atividades nomizadoras, tanto para os familiares quanto para os soldados, que recebem essas notícias através de jornais, pelo correio e via rádio.

As rezas e promessas já faziam parte do cotidiano desses brasileiros, mas em função da guerra, esse hábito religioso ganha novos significados para as famílias diretamente envolvidas. Rita de Cássia Testa Siqueira afirma que sua família já partilhava dessa prática. “Rezava-se o terço, toda tarde, todos os dias às seis horas da tarde. Então já tinha esse costume, bem diferente de hoje. Acho que todas as famílias tinham esse hábito antigamente” (Siqueira, 2010, s/p.). A reunião dessas pessoas envolvidas diretamente pelo conflito reforça sua prática religiosa e organiza as experiências desses familiares, assim como alguns dos veteranos.

No caso da família Testa, as manifestações de cunho religioso atendem à necessidade cotidiana do exercício da fé, já presente entre os familiares. Devido à convocação para a guerra essa prática ganha um significado próprio para os envolvidos no conflito. Um exemplo dessa situação foi encontrado em uma carta de Glória Nocelli, respondendo aos pedidos de orações feitos pelo soldado. “Dorvilho você me pede pra mim rezar e pedir a Deus: mais que eu já rezei e pedi a Deus é impossível e meus lábios vivem cançados de rezar, quanto mais eu rezo mais vontade de rezar eu tenho” (Nocelli, 1944, s/p.). Considera-se, então, que esse exercício de fé garante aos indivíduos uma

ordem à realidade, interiorizada pelos indivíduos a partir de uma ordenação sacralizada dessas experiências.

O argumento religioso destina-se a justificar os elementos desordenadores e cria a possibilidade da projeção de um futuro idealizado. Os elementos sagrados são constantemente usados para explicar situações de tensão e/ou perigo devido à sua capacidade de equilibrar os fatores caóticos desse processo. Na carta endereçada a um de seus familiares, por exemplo, Dorvilho destaca a necessidade de criar um equilíbrio no seu cotidiano anômico quando diz

Joaquim depois de muitos dias que aqui estou hoje é que tive a oportunidade para escrever-te esta, para dizer-te que fiz uma viagem boa e muito feliz, e gozo perfeita saúde graças ao nosso bom Jesus. Fasso voto que a mesma vai encontrar gosando de saúde e muitas felicidades juntamente com todos de sua casa. (...) Só que sinto é um pouco de saudades de vocês mais isto não a de ser nada, Deus é bom pae que breve estaremos ai em nossa querida pátria e também junto de vocês envolvido na quela mesma aligria de uns tempos para traz não achas (Testa, 1944, s/p.).

Na correspondência analisada, o soldado ordena seu universo de possibilidades caóticas a partir da intervenção do Sagrado, seja invocado como Deus, Jesus, Creador ou N. S. Aparecida. Por isso merecem destaque duas correspondências enviadas ao Brasil no final do conflito. Dorvilho Testa afirma estar bem de saúde, mas apesar disso “(...) sinto muita saudade de você mais o que ei de fazer para Deus nada é impocivel, com a ajuda de N. S. Aparecida ei de voltar hai muito breve para matar estas saudades não é” (Testa, 1945, s/p.). Ao final da carta, o remetente argumenta que ficou feliz ao receber notícias cotidianas de amigos e familiares no Brasil e aguarda com entusiasmo o envio de uma foto de sua noiva.

Meses depois, de posse da fotografia Dorvilho responde

Querida já faz quase oito mez que não te vejo o quanto sofro por isto, quando pensso na inorme distancia que nos separa e no grande mar que a entre nos tenho grande aborrecimento. Mais tenho fé em nossa S. Aparecida que brevemente voltarei ao meu querido Brasil e também para bem pertinho de você hai seremos novamente felizes não achas meu amor. Glória tive grande surpresa quando recebi sua delicada fotografia no mesmo momento pasado em que vivíamos juntinhos sem ser preciso a separação mais nunca é tarde a sim como Deus aqui me trouxe a de me levar para junto de quem eu tanto amo e a vemos de ser feliz? bem feliz (Testa, 1945, s/p.).

Assim como a família Testa, formada por católicos praticantes, muitos expedicionários receberam objetos de seus amigos e familiares, seja às vésperas do embarque ou através do serviço de correios. Dentre esses objetos, foi comum o envio de imagens religiosas aos soldados, além daqueles que já traziam consigo suas imagens, orações, terços, dentre outros.²

Dorvilho Testa levou consigo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, dado por um de seus familiares. “Ele levou, não sei quem foi que deu a ele, uma estampa de Nossa Senhora Aparecida. Foi um familiar, só não lembro se foi a minha mãe ou a mãe dele. Aí ele levou aquela estampa, que a gente guarda até hoje. Porque é uma lembrança. A fé dele, ele falava, que ela ia levar ele e ia trazer ele vivo. E ele realmente foi e voltou, são e salvo” (Siqueira, 2010, s/p.). Segundo a entrevistada, essa imagem serviu como fonte de motivação e de esperança no regresso ao Brasil, sempre levada junto ao corpo.

Além da imagem, encontramos um *Manual de orações do Soldado Brasileiro*³, uma organização de orações feita por um major, membro da União Católica dos Militares em 1944, distribuído pelos capelães brasileiros às tropas. E também uma coleção de devoções católicas intitulada *Devoto de Josefina*.⁴ A obra contém uma edição das devoções mais usadas em homenagem a São José, uma compilação feita pelo Padre Eusébio Sacristã Villanueva. A coleção de orações foi adquirida após a guerra, período no qual Dorvilho reforçou sua religiosidade.

O conteúdo das orações do Manual distribuído aos soldados trata especificamente do ambiente e da vida militar. No Exército brasileiro, uma instituição de cunho religioso declarado, percebe-se uma conciliação entre a fé cristã e o patriotismo. Dentre as orações encontradas no capítulo de mesmo título da obra *Manual de Orações do Soldado Brasileiro*, merece destaque um trecho da chamada oração diária.

Todo Cristão, com mais forte razão e soldado que se bate e luta por um ideal justo e digno, numa ameaça constante da morte e sofrimento, tem a obrigação de adorar e amar a Deus. Muito e muito temos a pedir: a felicidade da Pátria, a vitória de nossas armas, uma paz justa e cheia de venturas: saúde e felicidade para os nossos parentes: fôrça, coragem, e

² Arquivo particular da Sra. Rita de Cássia Testa Siqueira. ver anexo 1 – Imagem de Nossa Senhora; anexo 2 - foto de glória Nocelli.

³ DUARTE, Claudio de Paula. (org). *Manual de Orações do Soldado Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, s/d.

⁴ VILLANUEVA, Eusébio Sacristã. (org.). *Devoto de Josefina*. 7 ed, São Paulo: Ave Maria ltd, 1945.

vigor para a luta: a vitória nas tentações: e uma boa morte, que nos abra as portas do Céu – e da Vida Eterna. (Duarte, s/d, p.5).

As orações apresentam uma forma de devoção militar, e por isso fé e patriotismo são invocados de maneira complementar. As experiências de guerra desses clérigos e soldados alimentam as tradições católicas presentes nas tropas. A adoção de santos padroeiros para as armas foi estimulada pelos capelães, retomando uma tradição já existente na história militar brasileira. Desta forma, Imaculada Conceição é padroeira do Exército, Santo Inácio de Loyola da Infantaria, São Jorge da Cavalaria, Santa Bárbara da Artilharia assim por diante. Cabe ressaltar que mesmo os quadros permanentes do Exército que não existiam à época da guerra também têm como padroeiros santos católicos.

Conforme o relato de sua filha, ao final da guerra Dorvilho tornou-se mais religioso do que anteriormente, tornando-se membro da Associação São Vicente de Paulo, na Paróquia de Santa Terezinha, e foi um praticante assíduo em suas atividades religiosas. Nas palavras de Rita de Cássia Testa Siqueira, “quando ele voltou da guerra ele continuou mais devoto ainda. Tanto é que ele foi várias vezes em Aparecida do Norte, em romaria para agradecer, a ela. (...) inclusive ele fez um santinho, agradecendo a Deus, a volta dele, por ter voltado são e salvo; nenhum tiro” (Siqueira, 2010, s/p.). Atendendo ao cumprimento das graças almeçadas, o retorno do familiar em segurança, tanto Dorvilho Testa como seus familiares buscaram cumprir as promessas realizadas e dentre elas a peregrinação à cidade de Aparecida do Norte em São Paulo.

Com o fim da guerra na Itália, Dorvilho conheceu diversos pontos turísticos deste país, dentre eles Roma. Os soldados brasileiros foram recebidos pelo papa em cerimônias coletivas que reuniram milhares de brasileiros. O expedicionário participou de uma dessas audiências, como relatou sua filha “ele foi no Vaticano, teve uma audiência com o papa Pio XII. Onde ele recebeu uma, várias cartas, bênçãos apostólicas, que ele trouxe para a minha mãe, trouxe para a mãe dele, para os irmãos dele (...).” (Siqueira, 2010, s/p.). As visitas ao Vaticano criaram nos comandantes da FEB a necessidade de facilitar o acesso dos soldados interessados, para evitar as fugas, chamadas “tochas” no jargão militar. Assim, durante o conflito muitos oficiais e praças puderam visitar Roma, cujo objetivo de fato foi religioso e não apenas turístico. Dorvilho conseguiu fazer sua visita ao Vaticano somente ao final da guerra, quando foi realizada uma celebração em homenagem à vitória dos soldados brasileiros.

Terminado o conflito, as tropas aliadas continuaram ocupando os territórios libertados e no caso dos brasileiros esse período durou de maio de 1945 até outubro do mesmo ano. A demora no regresso com as tropas criou entre os soldados e suas famílias uma insegurança, já que a vitória da FEB tornou-se uma ameaça à ditadura varguista. Essa situação impediu que os soldados brasileiros pudessem voltar rapidamente ao Brasil permanecendo ainda como tropa de ocupação até outubro de 1945.

As famílias dos soldados, como relatou Rita de Cássia Testa Siqueira, ficaram apreensivas em relação à volta de seus familiares, pois a guerra já havia acabado “e depois o Brasil nada de trazer eles de volta. Então as famílias já estavam ficando desesperadas. Porque acabou a guerra e o meu filho, meu marido, meu noivo, meu namorado não vem embora?” (Siqueira, 2010, s/p.). A desmobilização dos efetivos torna-se uma questão política entre Vargas e uma parte do alto escalão da FEB, liderada por Dutra e Góes Monteiro. A chegada das tropas no Brasil causa novamente grande comoção popular, principalmente para as famílias que recebem seus regressos.

Quando retornaram às suas casas, os veteranos foram recepcionados com celebrações de missas, orações coletivas em agradecimento e posteriormente o pagamento das promessas realizadas. No pós-guerra, os expedicionários iniciam seu processo de mobilização para a reivindicação de seus direitos de guerra, através das associações de veteranos de guerra.

A Associação dos Veteranos da FEB, seção Juiz de Fora, tem como sócios soldados mineiros que foram incorporados ao 11º RI e também veteranos de outras localidades da região. A religiosidade desses veteranos foi intensificada após as experiências de guerra, além disso, a devoção católica mostrou-se uma característica relevante nos efetivos totais da Força Expedicionária Brasileira. Em específico, na Associação de Veteranos da FEB de Juiz de Fora, decidiu-se pelo início das reuniões a partir de duas orações: “Pai Nosso” e “Ave Maria”.

A abertura das reuniões com as respectivas orações representa uma homenagem aos companheiros mortos em combate e também uma demonstração da religiosidade presente entre os veteranos e suas famílias, nesse caso predominantemente católicos. Dorvilho foi sócio na seção Juiz de Fora e participou dessas reuniões. Segundo narra sua filha Rita de Cássia Testa, isso ocorre “justamente pela religiosidade de todos. E você vai concordar comigo, que essa coisa de divisão de várias religiões vem de um tempo para cá. Então, naquela época, todos eram católicos, ou protestantes (mas muito poucos). Então quem era protestante ficava em silêncio.” (Siqueira, 2010, s/p.). Cabe

ressaltar que existiram soldados de inúmeras religiões nos efetivos da FEB, porém, a multiplicação das denominações religiosas no Brasil concentra-se a partir do pós-guerra. O destaque do catolicismo nas tropas brasileiras se deve à sua relevância na formação de uma matriz religiosa no país.

A história do casal Testa demonstra que a guerra causa uma crise na estrutura de plausibilidade dos indivíduos, não apenas nos soldados envolvidos diretamente com a tensão e o perigo do conflito, mas também em suas famílias. A comunicação através de cartas e telegramas foi fundamental para conservar nesses indivíduos a resignação para enfrentar o período da campanha na Itália. Diante de situações extremas, seja durante um combate ou mesmo pela falta de notícias do *front*, a religiosidade das famílias e dos próprios soldados auxiliou-os na tarefa de garantir ordem a essas experiências, o que reforça as estruturas de plausibilidade abaladas pelo conflito.

Sobre a importância da correspondência para os pracinhas da FEB, o correspondente de guerra Rubem Braga dedicou uma de suas crônicas de guerra, como pode ser observado no trecho abaixo.

Era preciso que a gente aí no Brasil assistisse a uma distribuição de correspondência aqui para ver o quando vale uma carta. “Chegou correio” é uma frase que mobiliza mais gente que qualquer ordem de general aliado ou inimigo. A cara do sujeito que não recebe carta nesse dia é uma cara de naufrago.” De qualquer modo, o que é importante é telegrafar e escrever carta. Escrevam, telegrafem, meus senhores e – muito especialmente – minhas senhoras! Escrevam cartas numerosas e enormes contando coisas, muitas coisas, coisas de toda a espécie. (Braga, 1996, p. 61-62).

As cartas trocadas entre os soldados e seus familiares abordam temas cotidianos ou relatos de episódios e situações vividas na Itália. Interessa, entretanto, destacar a relevância dessa comunicação como um vínculo criado entre o passado ordenado e a desordenação do presente. A projeção de um futuro ordenado, ou seja, o fim da guerra e a segurança física e mental preservadas compõem esse processo dialético significado religiosamente. Essa legitimação produzida pela religião é capaz de amenizar os fatores caóticos, criando uma realidade subjetivamente ordenada, a partir do exercício de fé dos indivíduos, sejam eles soldados ou membros da família.

Durante o período de guerra, esses soldados puderam contar com os serviços espirituais de capelães católicos e protestantes, incorporados à FEB na repartição de assistência espiritual. A atuação dos capelães do SAR/FEB foi fundamental no apoio

espiritual, individual e coletivo dos soldados. Além das orientações espirituais, os capelães foram os responsáveis pela comunicação entre o soldado e sua família, escrevendo as cartas enviadas pelos militares analfabetos. Desta forma, em alguns momentos, os capelães atuam como mediadores nessas experiências religiosas entre os soldados assistidos e o sagrado, além da assistência social oferecida pelos clérigos às famílias dos mortos e feridos em combate.

Assim concluímos que a crise de plausibilidade causada em função da guerra contribui para que essas experiências fossem vivenciadas religiosamente, tanto por soldados como por seus familiares. O destaque do aspecto religioso nesses casos corresponde a sua capacidade de servir de escudo à anomia. Essa necessidade de organização das experiências no cotidiano do *front* foi demonstrada de diferentes formas e mostrou-se presente na maioria das fontes consultadas.

Referências bibliográficas

BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 5 ed, São Paulo: Paulus, 2004.

BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.

DUARTE, Claudio de Paula. (org). *Manual de Orações do Soldado Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, s/d.

FONSECA, Ruy de Oliveira: depoimento. *O "Lapa Azul"*. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2007, 1 DVD.

NOCELLI, Glória. *Correspondência a Dorvilho Testa*. 30 jan. 1944. Juiz de Fora. s/p.

_____. *Correspondência a Dorvilho Testa*. 07 jun. 1944. Juiz de Fora. s/p.

_____. Glória. *Correspondência a Dorvilho Testa*. 23 jun. 1944. Juiz de Fora. s/p.

SIQUEIRA, Rita de Cássia Testa. *Entrevista*, Juiz de Fora, 27 out. 2010.

TESTA, Dorvilho. *Correspondência a Glória Nocelli*. 19 jan, 1944, São João Del Rey. s/p.

_____. *Correspondência a Glória Nocelli*. 27 jun. 1944. Rio de Janeiro. s/p.

_____. *Correspondência a Glória Nocelli*. 18 set. 1944. Rio de Janeiro. s/p.

_____. *Correspondência a Joaquim Nocelli*. 25 out. 1944. Itália. s/p.

_____. *Correspondência a Glória Nocelli*. 16 mar. 1945. Rio de Janeiro. s/p.

_____. *Correspondência a Glória Nocelli*. 15 dez. 1945. Itália. s/p.

Anexos



Anexo 1 – Imagem de Nossa Senhora Aparecida: Arquivo particular da Sra. Rita de Cássia Testa Siqueira.



Anexo 2 – Foto de Glória Nocelli: Arquivo particular da Sra. Rita de Cássia Testa Siqueira.